



CICLO FEBRABAN DE
FINANÇAS SUSTENTÁVEIS

14^o



CAFÉ COM
SUSTENTABILIDADE

FEBRABAN



O 14º Café com Sustentabilidade marcou o encerramento do Ciclo FEBRABAN de Finanças Sustentáveis, dia 30 de outubro de 2009, no auditório do HSBC, em São Paulo.

O Ciclo teve início com um seminário realizado no dia 30 de junho de 2009, no hotel Maksoud Plaza, também em São Paulo, em que se discutiu como as políticas de crédito podem induzir o desenvolvimento sustentável, além de oportunidades nos negócios. Participaram do seminário representantes do Banco Nacional de Desenvolvimento Econômico e Social (BNDES); da International Finance Corporation (IFC), braço privado do Banco Mundial; da Amigos da Terra – Eco Finanças, entidade que representa o BankTrack no Brasil; do escritório de advocacia Pinheiro Neto; do Instituto Nacional de Pesquisas Espaciais (INPE); da Universidade de São Paulo (USP); da consultoria McKinsey; da Tripod Invest e da Fundação Getúlio Vargas (FGV). O evento contou ainda com a participação do gerente de projetos do Ministério do Meio Ambiente, Shigeo Shiki. As apresentações podem ser conferidas no anexo, ao final desta publicação.

A segunda etapa do Ciclo FEBRABAN de Finanças Sustentáveis levou todo o conteúdo do seminário para um site na internet e promoveu um debate virtual. Os internautas puderam conferir as apresentações e participar de uma pesquisa e de duas enquetes, ou simplesmente registrar sua opinião sobre os temas abordados.

A terceira e última fase do Ciclo, o 14º Café com Sustentabilidade, teve a participação do professor Mario Monzoni, coordenador do Centro de Estudos em Sustentabilidade da FGV (GVces) e de Roberta Simonetti, coordenadora do Programa de Sustentabilidade Empresarial do GVces, que apresentaram os resultados dos eventos anteriores.

Em sua apresentação, Monzoni fez um retrospecto das ações relacionadas a Finanças Sustentáveis, Project Finance e crédito, temas bastante debatidos



no primeiro painel do Seminário de Finanças Sustentáveis. A primeira vez que sustentabilidade e finanças “começaram a conversar”, segundo ele, foi na década de 80, quando organizações multilaterais, como o Banco Mundial, foram questionados pela sociedade civil por investir em projetos com impactos ambientais e sociais que não haviam sido devidamente analisados, isto é, identificados e mensurados.

Na década de 90, as respostas às demandas da sociedade civil vieram por meio de políticas de salvaguardas com viés social e ambiental, construídas pelo Banco Mundial.

No século XXI, as cobranças aumentaram e, em 2003, foram criados os Princípios do Equador, um compromisso voluntário de adoção de políticas de salvaguardas, inicialmente com a adesão de 10 grandes instituições financeiras. À época, o valor definido para os projetos de investimento sob essa nova orientação era acima de US\$ 50 milhões. Atualmente, os Princípios aplicam-se a projetos acima de US\$ 10 milhões.

Em 2007 houve um grande movimento do Governo Federal com a criação do Programa de Aceleração do Crescimento (PAC) e o anúncio de investimentos da ordem de R\$ 500 bilhões. E, recentemente, o Banco Mundial voltou a focar na Amazônia, um tema que tinha deixado de ser prioridade desde a década de 80.

Monzoni lembrou que, durante o seminário, muito se falou sobre a Amazônia. Um dos investimentos feitos pelo BNDES na região foi destinado ao complexo hidrelétrico Jirau, localizado no Rio Madeira. Foi um aporte de R\$ 7,2 bilhões, o maior já realizado pelo banco.

Os bancos e a sociedade civil têm um interesse convergente: elevar o nível de exigências nesses projetos, reduzindo seus impactos negativos, especialmente sobre o meio ambiente, e potencializando os benefícios para a sociedade.



Dentre as oportunidades discutidas, está o diálogo entre esses dois atores no sentido de encorajar fortemente o empreendedor a incorporar novos conceitos sobre a Amazônia. "A preocupação agora é como elevar o nível dos investimentos na região e a FGV está levantando essa bandeira em discussões com o BNDES e com a IFC", completou.

Durante o segundo painel do seminário, foram debatidos desafios e oportunidades nos negócios. Monzoni acredita que a agenda com relação aos riscos e à sua gestão avançou. O que falta é avançar na busca por oportunidades dentro de uma nova economia.

"A economia baseada em combustíveis fósseis tende a ter o seu fade out." O crédito de carbono nada mais é do que a taxa de atividades que usam combustíveis fósseis. Com isso, a tendência é a migração do capital para investimento em energia limpa.

A conservação de energia e a eficiência energética são fundamentais para um futuro sustentável. Essa mudança passa necessariamente pelo gás natural, que produz uma

unidade de produto com menos emissão de gases de efeito estufa. Uma questão contraditória e que deve ser discutida, de acordo com ele, é o uso da energia nuclear, que apesar do custo e da produção de resíduos tóxicos, não contribui com o agravamento do aquecimento global.

Às vésperas da 15ª Conferência das Partes da Convenção do Clima (COP 15), que aconteceu em dezembro, em Copenhague, na Dinamarca, as discussões no Brasil giravam em torno da possibilidade de o país se comprometer com metas para o desmatamento.

"A COP 15 é importante pois pretende definir uma proposição concreta de redução de emissões de gases de efeito estufa, que representem avanços significativos em relação ao Protocolo de Quioto – que expira em 2012."

Além do compromisso dos países com os princípios estabelecidos no Protocolo precisar ser renovado, seria necessário também estabelecer metas mais ambiciosas de redução das emissões de carbono, sob pena de o planeta aquecer mais de 2°C e produzir consequências desastrosas para a vida na Terra.

De acordo com o Painel Intergovernamental de Mudança Climática da ONU, para evitar o aquecimento, é fundamental que as nações desenvolvidas reduzam entre 25% e 40% de suas emissões até 2020 em relação aos níveis de 1990.

"As oportunidades com relação ao clima estão aí", conclui Monzoni. O fade in de uma nova economia está em curso e, durante um período, as duas economias existirão simultaneamente.

O setor financeiro tem uma série de oportunidades. O investimento socialmente responsável, conhecido pela sigla em inglês SRI, é muito forte nos Estados Unidos. Os fundos de investimento excluem empresas e setores que impactam negativamente o meio ambiente e trazem riscos para a sociedade. Existem, por exemplo, fundos voltados apenas para investimentos em energia limpa. A figura do analista de SRI é cada vez mais comum nas instituições financeiras americanas. Lá, 10% dos valores administrados passam por algum crivo socioambiental, além do econômico.

A grande oportunidade, segundo ele, está na área de microfinanças e microcrédito. O microcrédito produtivo orientado atinge de 500 a 600 mil pessoas no Brasil. Considerando a estimativa de que há 20 milhões de empreendedores no país e que metade deles poderia demandar microcrédito, ainda há um enorme mercado a ser atendido.